



AWARE
INVESTMENTS

Carta Aware

JULHO 2023

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Um sonho de verão seria o tal “pouso suave” da economia. Só não é o que o inverno promete.

A inflação dos EUA subiu 0,2% em junho, acima do esperado, que era um recuo de 0,1%. Mantendo o discurso previamente adotado, o Fed elevou os juros em 0,25 ponto percentual para o intervalo entre 5,25% e 5,5% ao ano. É o patamar mais elevado de juros nos EUA em 22 anos. O comunicado da entidade afirma que o banco central continuará a monitorar os dados econômicos e seus impactos na política monetária e dessa forma determinar a extensão de política adicional que pode ser apropriada para retornar à inflação para 2% ao longo do tempo. O PMI industrial, por exemplo, subiu de 46,3 em junho para 49 em julho, segundo pesquisa final divulgada pela S&P Global. Apesar do avanço, o PMI abaixo de 50 mostra que a atividade manufatureira nos EUA permaneceu em contração em julho, ainda que em ritmo mais contido que no mês anterior.

O entendimento é de que a “gordura a ser queimada” para que se tenha uma adequação do nível de inflação ao desejável sem promover recessão e desemprego está muito próximo do fim. Há pouca margem para pôr em prática a redução sem efeitos colaterais e Powell pode cometer o mesmo erro de seus antecessores ao esperar demais por uma “folga suficiente”. Apesar de tudo, ele não deu sinalizações diretas sobre como o Fed avaliará quando será a hora de afrouxar a política monetária, dizendo que “estaremos confortáveis em cortar os juros quando estivermos confortáveis em cortá-los”.

Para o presidente da distrital de Minneapolis do Fed, Neil Kashkari, já é utópico vislumbrar o controle da inflação sem considerar um enfraquecimento do mercado de trabalho. “A economia continua surpreendendo pela resiliência e o mercado de trabalho segue forte e terá que ficar menos aquecido para que a inflação volte para meta”.

Europa

Devagar e sempre. Até quando o velho continente terá o respaldo de ser tido como exemplo socioeconômico é uma incógnita, fato é que, de 2020 para cá, está selado o destino de lenta acomodação a um status quo menos relevante no cenário mundial.

O PIB da zona do euro cresceu 0,3% no segundo trimestre de 2023 ante os três meses anteriores, segundo dados preliminares divulgados pelo Eurostat, o departamento de estatísticas da UE. O resultado superou a expectativa de analistas consultados pela FactSet, que previam alta de 0,2% no período, e veio após a economia do bloco encolher 0,1% no primeiro trimestre e entrar em recessão técnica. Por outro lado, o PMI industrial da zona do euro caiu de 43,4 em junho para 42,7 em julho, atingindo o menor patamar em 38 meses, confirmando as expectativas. Em linha com esses resultados mornos, os níveis de desemprego se mantiveram estáveis.

A taxa de desemprego no conjunto dos 19 países que partilham a moeda única manteve-se inalterada em junho, correspondendo a 6,4% da população ativa da região da zona euro.

Na questão dos juros, o BCE elevou seus juros básicos em 0,25 ponto percentual diante das projeções de que a inflação permanecerá resiliente e elevada por muito tempo, apesar do comitê de política monetária destacar que ela começa a desacelerar. Foi a nona alta consecutiva, levando a taxa de juros referencial para 3,75%, seu maior patamar em 22 anos. Os juros de empréstimos foram para 4,50% e o juro de refinanciamento para 4,25%. "A alta dos juros hoje reflete o cenário inflacionário visto pelo comitê de política monetária do BCE, a dinâmica da inflação subjacente e a força da transmissão de política monetária", diz o comunicado, repetindo o mesmo texto do comunicado da reunião anterior, em junho. O banco central europeu também decidiu reduzir a remuneração de reservas mínimas para 0%. "Esta decisão vai preservar a efetividade da política monetária ao manter o atual grau de controle sobre a política monetária e assegurando a transmissão total das decisões de juros para os mercados financeiros", diz o comunicado. Sobre o Programa de Compra de Títulos, o banco disse que a carteira de APP está diminuindo em um ritmo moderado e previsível, uma vez que não estão ocorrendo mais reinvestimentos de capital dos títulos que estão vencendo.

Já a respeito do programa de aquisições emergenciais da pandemia (PEPP), o BCE informa que pretende reinvestir os pagamentos de capital dos títulos vencidos do programa até, pelo menos, o final de 2024.

Na Alemanha, o caldo começou a "desentornar". Segundo informações do Bundesbank, sem revelar números, o PIB alemão voltou a crescer. No relatório, a autoridade monetária destaca o resistente mercado de trabalho alemão como baluarte para a economia local, e afirma que a inflação parece ter se estabilizado, apesar de ventos adversos, mas que isso não significa que o crescimento no resto do ano será expressivo. Somado a isso, a taxa anual de inflação desacelerou para 6,2% em julho, ante 6,4% em junho.

Europa

(.../.)

No Reino Unido, a mais impactada das nações, precisamente por também ter apresentado um "complexo de viúva europeia", a maré parece estar mais calma. Em uma avaliação semestral da saúde do sistema financeiro, o banco central britânico disse que não há motivo para alarme. "A economia e o sistema financeiro do Reino Unido até agora têm resistido ao risco da taxa de juros", disse o presidente do Banco da Inglaterra, Andrew Bailey, em coletiva de imprensa. "Continuaremos a monitorar as condições de crédito em busca de quaisquer sinais de aperto que não sejam explicados satisfatoriamente por mudanças nas perspectivas macroeconômicas." Ele disse que os bancos britânicos estavam menos expostos do que as famílias aos efeitos adversos de juros mais altos, especialmente em comparação com instituições financeiras de outros países, enquanto o setor corporativo permaneceu "amplamente resiliente". "No entanto, custos de financiamento mais altos provavelmente pressionarão algumas empresas menores ou altamente alavancadas", acrescentou.

Ásia

China

Os constantes tropeços na caminhada de volta ao bom desempenho econômico tornaram o futuro chinês uma pauta nebulosa e incerta.

O principal órgão de planejamento da China divulgou um comunicado detalhando medidas para impulsionar o consumo doméstico. A Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma orientou governos locais a aliviar restrições para compras de carros e lançar medidas para incentivar aquisições de novos veículos. O órgão também determinou que autoridades locais promovam o uso de carros elétricos em áreas do interior e aperfeiçoem a infraestrutura voltada a veículos movidos a bateria. O NDRC também deseja estimular o consumo de eletrodomésticos por meio de medidas de troca e reciclagem. Os governos locais poderão oferecer subsídios para consumidores rurais comprarem e trocarem eletrodomésticos, segundo o comunicado.

O órgão disse ainda que irá acelerar as aprovações de filmes, shows, eventos esportivos e outras apresentações, de forma a estimular gastos com esportes e entretenimento, e que irá avançar com a reforma de prédios residenciais antigos, por meio de fundos especiais e fundos de previdência habitacional, além de promover reformas em favelas de grandes cidades. Também será permitido que projetos relacionados a consumo utilizem recursos de fundos de investimento imobiliário e pediu às instituições financeiras que reduzam taxas de juros de cartões de crédito e empréstimos de consumo.

E ainda que a cúpula chinesa goste da ideia de mascarar o tamanho do problema, certos padrões já não resistem e sucumbem à verdade dos dados. A economia chinesa cresceu 6,3% no segundo trimestre em relação ao ano anterior devido a uma base baixa, com o ímpeto desacelerando após uma forte reabertura no primeiro trimestre. Em comparação com o primeiro trimestre, o PIB cresceu apenas 0,8% de abril a junho, segundo dados do National Bureau of Statistics. Os números ficaram abaixo das expectativas de um grupo de economistas consultados pela Reuters. As vendas no varejo aumentaram 3,1% em junho, o crescimento mais lento desde dezembro, quando Pequim suspendeu a maioria das restrições pandêmicas.



Ásia

China

(.../.)

Já o PMI industrial caiu de 50,5 em junho para 49,2 em julho, sinalizando assim uma acelerada deterioração das condições de negócios em geral, conforme dados divulgados pela S&P Global, em parceria com o Caixin Insight Group. Essa foi a primeira leitura do PMI abaixo da marca de 50,0 (que separa a expansão da contração) em três meses. O consenso de analistas previa um recuo menor do PMI industrial chinês em junho, para 50,3. Para Wang Zhe, economista sênior do Caixin Insight Group, o setor industrial chinês está enfraquecendo. "Tanto a oferta quanto a demanda de manufatura se contraíram. O mercado tem estado morno, com demanda lenta, e a oferta encolheu em conjunto. As leituras para o total de novos pedidos e produção foram as mais baixas desde janeiro", comentou em nota. "Em termos de políticas, a garantia do emprego, a estabilização das expectativas e o aumento dos rendimentos das famílias deverão continuar a ser as prioridades máximas. No momento, a política monetária tem apenas um efeito limitado no aumento da oferta. Uma política fiscal expansionista voltada para a demanda deve ser priorizada", defendeu.

Essa apatia justificou uma queda prévia e a atual manutenção das taxas de juros. O Banco do Povo da China manteve a taxa de linha de crédito de médio prazo, de um ano, em 2,65%, ao injetar 103 bilhões de yuans (US\$ 14,42 bilhões) em liquidez no mercado financeiro. Também deixou intocada a taxa de 1,90% do acordo de recompra reversa de sete dias, em uma injeção de 33 bilhões de yuans.

Ásia

Japão

A ilha onde promessas de 20 anos acerca de um vigor econômico reforçado encontram uma resposta na inacreditável inflação.

Existem pressões inflacionárias inéditas atuando em solo nipônico. As empresas japonesas estão elevando preços e salários em um ritmo nunca visto no passado, disse o Banco do Japão, reforçando a necessidade de se atentar aos sinais de pujança inflacionária. "Devemos continuar examinando se os aumentos de preços para repassar custos mais altos podem se ampliar e durar mais tempo", disse o Banco do Japão em uma versão completa de seu relatório trimestral de perspectivas. Contudo, de maneira oposta ao que acontece no Ocidente, os japoneses ainda veem a inflação sendo impulsionada pelos preços mais altos dos bens, e não pelas pressões salariais, disse o banco central. Os dados "sugerem que o aumento da inflação no Japão é impulsionado principalmente pela pressão de custos dos preços de importação crescentes", disse o relatório. Mas as empresas estão se tornando mais abertas a aumentar os salários, disse o Banco do Japão, enfatizando a necessidade de examinar como tais mudanças salariais podem afetar as perspectivas para a inflação. O núcleo da inflação ao consumidor atingiu 3,3% em junho, permanecendo acima da meta de 2% do Banco do Japão pelo 15º mês consecutivo e mantendo o banco central sob pressão para eliminar gradualmente seu estímulo monetário massivo.

Paralelamente a isso, o BoJ tornou sua política de controle da curva de rendimento mais flexível e afrouxou sua defesa de um teto para a taxa de juros de longo prazo. Embora o banco central tenha mantido as taxas de juros em níveis ultrabaixos e enfatizado a necessidade de manter o suporte à economia, ele disse que o ajuste em seu esquema de controle da curva de rendimento de títulos permitirá que responda "agilmente" a riscos. Na reunião de política monetária ficou decidido pela manutenção da meta para a taxa de juros de curto prazo em -0,1% e para o rendimento dos títulos do governo de 10 anos em torno de 0%. O BC também manteve a orientação permitindo que o rendimento de 10 anos se mova 0,5% em torno da meta de 0%, mas disse que isso agora será "referência" em vez de "limite rígido". O BoJ também disse que oferecerá comprar títulos do governo japonês de 10 anos a 1,0% em operações de taxa fixa, em vez da taxa anterior de 0,5%, sinalizando que agora tolerará um aumento no rendimento de 10 anos para até 1,0%. Ueda disse que o Banco do Japão agora permitirá que o rendimento de 10 anos suba para 1,0% no intuito de aliviar as distorções causadas nos preços dos títulos e evitar que a volatilidade aumente no mercado de câmbio.

América Latina

Argentina

Acordo selado. Bancado pelos chineses, é verdade. Mas pode se dizer que é melhor que nada.

A Argentina pagará um vencimento de US\$ 2,7 bilhões ao FMI com iuanes. A operação se dá por meio de um swap de moedas com a China e um empréstimo-ponte com o CAF, à espera de um empréstimo de US\$ 7,5 bilhões de dólares. O ministro da Economia e pré-candidato presidencial, Sergio Massa, afirmou que com esse método, "a Argentina não vai usar um único dólar de suas reservas", em uma mensagem gravada e compartilhada nas redes sociais. O acordo costurado estipula um novo empréstimo do FMI, renegociando a quinta e sexta revisões do acordo de US\$ 44 bilhões de 2018. Massa agradeceu ao CAF e ao governo chinês por "acompanhar o país nesta decisão de proteger as reservas da Argentina para realizar o pagamento temporário ao Fundo até o momento dos desembolsos" do organismo. "Dessa forma protegemos as reservas em um ano em que o problema da herança da dívida com o fundo se somou à pior seca da história, que nos custou mais de US\$ 20 bilhões em exportações este ano e mais de US\$ 5 bilhões em receita para o setor público nacional", afirmou.

Contudo, o novo acordo também determina uma maior responsabilidade à cúpula econômica hermana. O acordo está condicionado ao cumprimento de uma série de metas econômicas, que buscam reconstruir as reservas de moeda estrangeira e fortalecer a sustentabilidade fiscal do país. Entre os principais pilares do acordo, Buenos Aires deve trabalhar pelo "fortalecimento e harmonização" do regime cambial e já anunciou um plano para incentivar a liquidação de exportações e conter importações, de acordo a nota. Na área fiscal, a meta é de que o déficit primário seja de 1,9% do PIB no fim deste ano, o que demandará um aperto apoiado por ações de receita e despesas, ao mesmo tempo em que programas de infraestrutura e sociais são protegidos. Esforços ainda são necessários para conter o crescimento da massa salarial, atualizar tarifas de energia e empreender uma assistência social mais direcionada, afirma o FMI. Em relação às reservas, o acordo prevê uma meta de acumular cerca de US\$ 1 bilhão até o fim do ano, comparado com objetivo de US\$ 8 bilhões em março. Há ainda uma diretriz para evitar o financiamento monetário direto do déficit fiscal. "As recentes e bem-sucedidas trocas voluntárias de dívida reduziram significativamente os riscos de rolagem e espera-se que apoiem a mobilização de financiamento doméstico líquido adicional durante o restante do ano", destaca o texto.

O CPI da Argentina demonstra resultado ambíguo, com desaceleração mensal para 6,5%, mas com alta anual aumentando para 115,6%. Há ainda muito a se fazer.

América Latina

Chile

Já tiveram dias melhores, mas não é à toa que o Chile é considerado por muitos como um exemplo na América Latina. Desta vez, sendo pioneiro no relaxamento monetário.

O BC chileno decidiu cortar sua taxa básica de juros em 100 pontos-base (pb), para 10,25% ao ano. A redução foi mais forte que a prevista pela maior parte dos analistas, que esperava diminuição de 75 pontos-base. Segundo comunicado oficial, a inflação do país segue desacelerando, com surpresas no lado negativo da taxa em um amplo grupo de economias, incluindo os Estados Unidos. O corte foi maior que o esperado e sinaliza a primeira mudança nas taxas deste ano. “No entanto, pesquisas continuam apontando para a necessidade de uma política monetária restritiva nas economias desenvolvidas. Os principais bancos centrais voltaram a subir as taxas de referência e sinalizaram que as suas políticas monetárias se manterão em terreno restritivo por muito tempo”, aponta o banco central.

México

Dentre as economias que se destacaram com os tropeços chineses, estão a Índia, gigante populacional asiático, a Indonésia, com êxito dentre o sudeste asiático, e atenção ao México, com especial recuperação e sobriedade no pós-pandemia e sequente guerra ucraniana.

A economia mexicana registrou um crescimento de 3,6% no segundo trimestre de 2023 em comparação com o mesmo período no ano passado, informou o Instituto Nacional de Estatística e Geografia (Inegi). Na comparação com o primeiro trimestre do ano, o resultado também foi positivo: a expansão do PIB alcançou 0,9%, indicou o relatório oficial. O setor de serviços da segunda maior economia da América Latina, atrás do Brasil, registrou o melhor desempenho na taxa interanual, com uma expansão de atividade de 4,1%, enquanto o industrial cresceu 2,6% e a pesca, agricultura e pecuária, 2,5%, detalhou o Inegi em um comunicado. O presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, expressou satisfação com esses dados econômicos durante sua coletiva de imprensa matinal. “Estamos indo bem”, declarou. Ainda que se tenham resguardos referente à persistente alta taxa de juros devido à teimosa inflação, os mexicanos, neste momento, podem esbanjar sete trimestres consecutivos de crescimento.

Brasil

Finalmente, o mundo volta seus olhos para nosso país! O Brasil está se tornando cada vez mais atraente em comparação com o cenário global, e os investidores estrangeiros estão gradualmente adotando uma perspectiva mais otimista em relação à nossa nação tupiniquim.

No mês de julho, os mercados financeiros testemunharam um desempenho positivo, impulsionado pelo crescimento contínuo tanto das economias desenvolvidas quanto das emergentes, além da queda da inflação. Este cenário resultou na valorização de bolsas e moedas, enquanto as curvas de juros em economias centrais se abriram. Os preços das commodities também experimentaram uma apreciação, com destaque para o petróleo.

No contexto brasileiro, as perspectivas econômicas são igualmente otimistas. Indicadores de alta frequência sugerem uma expansão contínua da economia ao longo do segundo trimestre de 2023. O mercado de trabalho mantém-se favorável, com a taxa de desemprego próxima aos níveis mínimos. A projeção para o crescimento do PIB em 2023 é de 2,2%.

A inflação, por sua vez, tem mostrado melhorias consistentes, especialmente nos setores de bens industriais e alimentos. Isso é atribuído à normalização das cadeias globais de suprimentos, à valorização da moeda local, à queda nos preços das commodities e às taxas de juros reais elevadas. Embora a inflação de serviços permaneça alta, há sinais de desaceleração. As previsões apontam para uma inflação de 4,4% em 2023 e 3,8% em 2024. Com a inflação convergindo em direção à meta, o Banco Central iniciou um ciclo de redução de juros a um ritmo de 50 pontos-base.

No entanto, há questões cruciais a considerar. A política de preços da Petrobrás ganha destaque diante da recente elevação nos preços do petróleo. A diferença entre os preços internos de combustíveis e os preços internacionais já supera 20%. A manutenção dos preços locais pela petroleira diante da tendência de alta no preço do petróleo poderia aumentar as expectativas de inflação de médio a longo prazo, limitando assim o espaço para cortes de juros.

No âmbito interno, os ativos de risco no Brasil também se valorizaram, impulsionados não apenas pelo ambiente externo favorável, mas também por fatores internos. A aprovação da Reforma Tributária na Câmara e a divulgação de índices de inflação dentro de parâmetros favoráveis contribuíram para o desempenho positivo dos ativos locais. Esses sinais apontam para um possível início de um ciclo de cortes de juros em agosto, com a inflação em declínio, menor ruído político e a meta de inflação mantida em 3% para 2026.

Em termos de atividade econômica, os dados sugerem uma estagnação nos próximos meses após um primeiro trimestre robusto na produção agrícola. A produção industrial permanece estável, porém com estoques acumulados; o crédito continua em retração e o consumo demonstra desaceleração. Apesar de baixas taxas de desemprego, as pressões salariais são moderadas.



Brasil

(.../.)

É importante ressaltar que a ancoragem das expectativas de inflação está relacionada a três riscos percebidos: uma política fiscal mais expansionista, possíveis mudanças na meta de inflação e um compromisso reduzido das próximas diretorias do Banco Central em relação à meta. A nova estrutura fiscal e a decisão do CMN ajudaram a mitigar os riscos. Caso a percepção sobre o terceiro risco diminua, poderá ocorrer uma ancoragem mais sólida das expectativas de inflação, especialmente as de longo prazo. Isso, aliado a um cenário de estagnação da atividade econômica, poderia levar a discussões sobre um ritmo acelerado de cortes de juros em algumas reuniões, após um início de ciclo em agosto com um corte de 0,50%.

Em resumo, o panorama financeiro global registrou um mês favorável, com reflexos positivos nos mercados, enquanto no Brasil, o cenário de crescimento econômico, inflação controlada e política monetária se entrelaçam, indicando a possibilidade de um ciclo de cortes de juros em um futuro próximo.

Juros & Câmbio

No mês de julho, os investidores passaram a projetar o tão esperado soft landing, após percepção de que a temida recessão está cada vez mais distante.

Essa percepção nos EUA se deu pela divulgação de dados econômicos positivos, como o PIB do 2T23, que avançou 2,4%, superando as expectativas de Wall Street, que eram de apenas 1,8%. Esse resultado evidenciou a resiliência do consumo americano, sustentado pelo setor de serviços e melhora no setor de bens.

No Brasil, apesar do recesso parlamentar ter esfriado as conversas à respeito das reformas, observamos manutenção do sentimento de *risk on*.

O principal fator a impulsionar o mercado foi a elevação do rating soberano do Brasil pela agência Fitch, de BB- para BB, após a Standard & Poor's ter elevado a perspectiva para positiva, surpreendendo a maior parte da Faria Lima.

Outro fator a impulsionar os ativos domésticos em julho, foi a divulgação dos dados de IPCA de junho, onde o índice registrou deflação de 0,08%. A queda no principal índice de preços brasileiro impulsionou as apostas por cortes mais expressivos na taxa Selic e contribui para que, no acumulado de 12 meses, o IPCA atingisse apenas 3,16%. Desde o início de 2023, o índice acumula alta de 2,87%.

Nesse cenário, observamos inclinação da curva de juros, com o juro prefixado de dois anos encerrando o julho fechando cerca de 10bps e o juro de dez anos abrindo cerca de 15bps.

Em relação ao câmbio, também observamos repercussão positiva à elevação do rating, com principal contrato de dólar comercial apresentando queda de 1,89% a 4,75, menor patamar desde 2019.

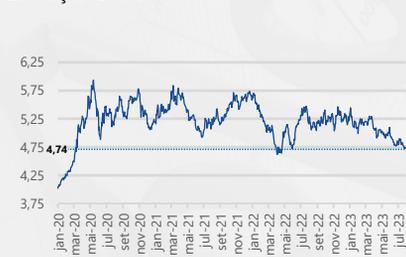
Ainda sobre o câmbio, o DXY, índice que meda a força da moeda norte-americana contra outras moedas desenvolvidas, registrou desvalorização de 1,02%. No ano, o índice acumula queda de 1,6%.

Sobre o bitcoin, após valorização expressiva nos meses anteriores, observamos estabilidade no ativo, em queda de apenas 4,1%. No ano, o ativo de risco evidencia a sua alta volatilidade, em acumulada de 76,8%.

Moedas

Dólar	4,74	-1,61%
Euro	5,19	-0,52%
Libra	6,06	-0,28%
Yuan	0,66	0,23%
Iene	0,03	0,12%
Lira Turca	0,18	-4,63%

Evolução Dólar



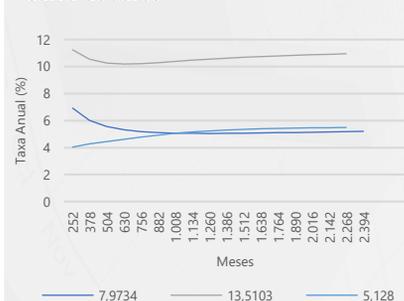
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo AWARE Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo AWARE Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo AWARE Investments

Bolsas

Em julho, o Ibovespa deu sequência ao rali iniciado no fim de março, registrando valorização mensal de 3,3%. Após mais um mês de valorização consistente, o principal índice doméstico registra ganhos de 11%, desde o início do ano.

Esse movimento de valorização se dá não só por fatores técnicos, já que observamos o nível de short da bolsa em 2,6% (ante 3,3% no fim de 2022 e 2,8% nos últimos 3 meses), como também pelo avanço de pautas importantes, como aprovação do novo marco fiscal, decisão de bloquear as partes mais controversas propostas pelo governo e aprovação da reforma tributária.

Nos EUA, as principais bolsas também deram sequência ao movimento de valorização, com o S&P 500 e o Nasdaq valorizando 3,11% e 4,05%, respectivamente. Esse movimento ocorreu devido a percepção de um provável encerramento do ciclo de alta de juros.

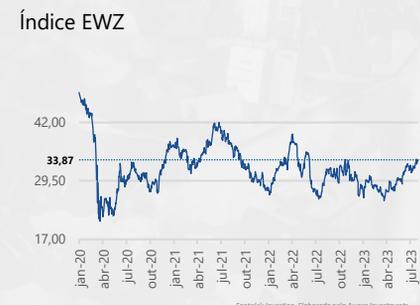
Outro driver para boa performance das bolsas norte-americanas foi a temporada de balanços do 2º trimestre em curso, que vem se mostrando muito positiva. Até o fechamento de julho, mais de 50% das empresas do S&P 500 já haviam reportado seus balanços, onde 81% delas superaram as expectativas de lucros.

Na Europa, apesar da menor euforia devido à inflação mais persistente, também observamos clima positivo, com o Euro Stoxx se valorizando 1,64%. O principal destaque veio da bolsa inglesa, onde o FTSE registrou alta de 2,23%. Na sequência, o DAX, da Alemanha, registrou ganhos de 1,85%, enquanto o CAC, na França, apresentou desempenho positivo em 1,32%.

Como observamos, julho foi marcado pelo *risk on* nas bolsas ao redor do mundo, e na Ásia não foi diferente. As bolsas chinesas apresentaram forte alta, após o Politburo, principal órgão de decisão chinês, anunciou um pacote de estímulos focado no consumidor e no setor imobiliário. Além disso, destacamos a, aparente, reconciliação dos reguladores e empresas de tecnologia. Nesse cenário, os índices de Hong Kong, Shanghai e Shenzhen registraram altas de 6,15%, 2,78% e 1,43%, respectivamente.

Ainda em território asiático, o Nikkei apresentou desempenho estável, de -0,05%, em realização de lucros, após meses de altas expressivas.

Índices		
Ibovespa	121.943,00	3,27%
S&P 500	4.588,96	3,11%
Nasdaq	14.346,02	4,05%
Euro Stoxx 50	4.471,31	1,64%
Shanghai	3.291,04	2,78%



Perspectivas

O mês de agosto começará com o foco voltado para o Copom, o qual, finalmente, deverá iniciar o ciclo de redução de juros. É importante mencionar que nesta reunião serão nomeados dois novos diretores no Comitê, indicados pelo governo, o que implicará em uma diversidade de opiniões e perspectivas e, conseqüentemente, pode resultar em potenciais divergências nos votos do Copom. De acordo com as avaliações técnicas recentes sobre a magnitude do primeiro corte na taxa básica de juros, as expectativas de um ajuste de 0,50 p.p aumentaram nos últimos dias de julho.

O cenário doméstico manteve-se favorável à melhoria do risco-país, e isso se refletiu na valorização do Real frente a outras moedas, e no avanço do principal índice acionário, conforme previsto em nossa última carta. A manutenção da meta de inflação e a aprovação da reforma tributária, foram alguns dos fatores que contribuíram para a Fitch a elevar o rating do Brasil para "BB". No entanto, é importante nos atentarmos nas contas do setor público consolidado, que registraram um déficit primário de R\$ 20,4 bilhões no primeiro semestre deste ano.

Nesse contexto, notamos uma abertura nos vértices médios e longos da curva de juros, motivada pela preocupação com a situação fiscal do país. Esse movimento afetou negativamente os títulos mais longos de renda fixa prefixada, de forma mais pronunciada. Apesar disso, ainda identificamos um potencial para bons rendimentos, especialmente na renda fixa indexada à inflação, que atualmente oferece um prêmio maior em comparação com a renda fixa prefixada. Em relação à renda variável, a tendência de um movimento *risk on* continua. Com o ciclo de redução de juros iniciando, é provável que os investidores migrem para a renda variável em busca de maiores rentabilidades. No que se refere ao câmbio, entendemos que fatores externos terão uma influência maior no preço da moeda, e a percepção de uma possível manutenção ou aumento das taxas de juros nos EUA e na Europa, podem impactar negativamente o Real em relação ao Dólar, visto que taxas mais altas no exterior, podem ocasionar uma fuga de capital.

Nos Estados Unidos, o Fed decidiu elevar a taxa básica de juros em 0,25 pp, estabelecendo-a no intervalo entre 5,25% e 5,50%, conforme esperado. Na coletiva de imprensa, o tom adotado pelo presidente do Banco Central dos EUA, Jerome Powell, foi percebido como mais moderado. Além da decisão de juros, os dados de inflação, medidos pelo deflator de gastos de consumo pessoal, mostraram-se melhores do que o esperado, o que deve auxiliar o FED em sua pausa no ciclo de aumentos de juros em breve. Nesse cenário, é possível que se observe um bom desempenho tanto na renda fixa quanto na renda variável norte-americana.

Na Europa, o sentimento é semelhante. O Banco Central Europeu elevou as taxas de juros em 0,25 p.p, atingindo o nível mais alto em mais de duas décadas, e retirou a indicação de que os juros devem ser "elevados" para um nível que reduza a inflação com rapidez suficiente. Tal medida levou-nos a crer que o BCE também se aproxima do fim de seu ciclo de aperto monetário. Assim como nos Estados Unidos, esse cenário é benéfico para os ativos de renda fixa e renda variável.



Perspectivas

(.../.)

No que concerne à Ásia, o principal órgão de planejamento da China divulgou um comunicado detalhando medidas para impulsionar o consumo doméstico, uma vez que a recuperação pós-covid-19 da segunda maior economia do mundo perdeu força. Entretanto, é relevante enfatizar que um provável crescimento mais robusto, aliado à recente alta nos preços das commodities, especialmente o petróleo, impõe riscos à desinflação global.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

São Paulo • Rio de Janeiro • Belém • Belo Horizonte • Lisboa • Geneva

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com